

# USP reprova laboratórios de escolas estaduais

*Estudo do Instituto de Química mostra que salas não têm condições físicas para acolher os alunos*

CRISTIANE SEGATTO

A maioria dos laboratórios de Química das escolas estaduais de São Paulo apresenta condições precárias e coloca em risco a segurança de alunos e funcionários. A conclusão é do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP), que avaliou 3.740 instituições a pedido da Secretaria de Educação. O relatório foi entregue há 20 dias ao secretário-adjunto Hubert Alquéres.

Segundo o levantamento, é "ilusório" incentivar aulas de laboratório nas escolas atualmente. Com raríssimas exceções, as salas não têm condições físicas para acolher os alunos e faltam profissionais especializados para organizar os laboratórios. "Há casos de extrema periculosidade", afirma a professora Reiko Isuyama, que coordenou a avaliação.

**Explosão** — Foram encontrados ácidos concentrados, solventes cancerígenos e frascos de sódio metálico. Essa substância poderia explodir em contato com a água e atingir um funcionário durante a limpeza da sala. "Não há nenhuma necessidade de manter esses materiais em escolas de 2º grau", explica a professora.

Faltam caixas de primeiros socorros em 66% dos laboratórios. Em 69% deles há frascos de reagentes que precisam ser retirados. Além de receber informações de escolas de todo o Estado por meio de um questionário detalhado, a equipe da USP visitou 18 instituições subordinadas à 14ª delegacia de ensino, localizadas no Centro e na Zona Oeste da capital. Durante 15 dias, estudantes do Instituto de Química



analisaram os laboratórios e descartaram frascos sem rótulo. Na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Adolfo Gordo, no Caxinguí, eles encontraram o laboratório alagado, com a calha entupida e a massa do teto solta. Os materiais estavam desorganizados, enquanto o sifão da pia e as torneiras precisavam de reparos. A situação da EEPSG Alberto Torres, no Butantã, era parecida. Havia reagentes derramados, frascos sem identificação, azulejos soltos e esgoto aberto no corredor. Os funcionários da EEPSG Napoleão de Carvalho Freire, no Jardim Novo Mundo, tiveram di-

ficuldade de encontrar a chave do laboratório, que tinha torneiras sem água e janelas quebradas. Apenas três escolas mantinham os laboratórios organizados: a EEPSG Pedro Fonseca (Jardim Ferreira), a EEPSG Manuel de Paiva (Campo Belo) e a EEPSG Andronico de Mello (Vila Sônia). Das 3.740 escolas consultadas, 69% dispõem de laboratórios. Em 40% deles, porém, o sistema elétrico precisa de revisão e em 21% há vaza-

mentos. A iluminação é inadequada em 15% do universo pesquisado. "Do jeito que estão, é melhor fechá-los", comenta Reiko. A professora ressalta que é inútil fornecer reagentes e vidrarias se os profissionais não sabem utilizá-los nas escolas. "Se a secretaria me perguntar o que é preciso comprar, vou citar vassouras e detergente", afirma. Para descartar os materiais químicos acumulados, as escolas de-

**HÁ CASOS DE GRANDE PERIGO, DIZ PROFESSORA**



Reiko Isuyama, da USP: "Do jeito que estão, é melhor fechá-los"

vem pedir autorização de transporte à Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb). "Não é função da universidade recolher lixo dos laboratórios", explica. Para o secretário-adjunto de Educação Hubert Alquéres, o relatório revela o abandono da rede estadual "que não pode ser resolvido de uma hora para outra". "Até o final do ano, esperamos ver todos os laboratórios funcionando com qualidade". Alquéres afirmou que R\$ 100 milhões serão repassados às escolas no segundo semestre para manutenção das instalações. "Vamos sugerir que os recursos

sejam usados prioritariamente na adequação dos laboratórios", disse. A verba destinada pela secretaria à realização do levantamento não foi suficiente. O trabalho foi concluído com o apoio do Conselho Britânico que doou R\$ 5 mil para o pagamento dos estagiários. Desde 1990, o Instituto de Química mantém um convênio com a Universidade de York, na Inglaterra. O acordo permite apoio intelectual e financeiro a várias atividades, como projetos de capacitação de professores de 2º grau desenvolvido por Reiko, Vera Lúcia Pardini, Peter Tiedemann e José Ricardo Almeida.